

UBERLÂNDIA

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL Minas Gerais - Brasil

BENS IMATERIAIS

01. Município: Uberlândia.

02. Distrito: Sede.

03. Denominação: Terno de Congado Congo Branco.

04. Natureza: Festas Populares/Cultos Afro-brasileiros.

05. Responsável: Deny Nascimento.

06. Informe Histórico:

O Terno de Congado Congo Branco é um grupo de dançadores de congado, ou seja, uma designação genérica de uma grande família coreográfica estabelecida por negros escravos em louvor a Nossa Senhora do Rosário e Santos Pretos. É festa de devoção, um ritual sagrado, embora o profano a ela se associe com pujança. Em geral, dá-se o nome de congada à exibição ritmo-plástica de uma guarda (ou terno) filiada à Irmandade; congado é a instituição que une todos os membros da família em uma celebração popular de culto aos ancestrais africanos através de danças, de percussões e cantorias realizadas por descendentes de nações negras diversas. Esse culto foi presenciado já em 1705, pelo jesuíta André João Antonil, o primeiro a dar notícias dessas festas no Brasil. Entretanto, sabe-se de registros de congos em Lisboa no ano de 1496, antes mesmo da descoberta do Brasil.

O Terno de Congado Congo Branco está em atividades desde 1983 por iniciativa de Osmar Aparecido comandante geral dessa guarda. O estilo seguido pelo Terno Congo Branco é o congo, a irmã mais velha dos sete ternos (congo, moçambique, marujo, catopé, caboclinho, cavaleiro de São Jorge e vilão) todas nascidas a partir do candombe (guarda fechada). As guardas assemelham-se nos fins – culto e união entre as pessoas de cor ou irmãos do Rosário – mas diferenciam-se na apresentação – plástica, rítmica e coreográfica; no cerimonial (rito), e no papel dentro do conjunto ou função que exercem. Cada tipo de terno, ainda, individualiza-se pelo nome particular dado ao grupo, pelo estandarte de pintura única e pela cor ou combinação de cores dos vestuários e dos paramentos. No congo, tipo do Terno de Congado Congo Branco, sua função é policial, ou seja, compete-lhe fornecer guarda-coroas, armados de espada, para reis e rainhas. Em desfile, vai à frente do moçambique.

A prática de congado é transmitida de pai para filho, aprende-se de criança, por imitação, vendo e ouvindo dançar e cantar, sendo o Terno de Congado Congo Branco formado por crianças, jovens, adultos e idosos. Essa guarda permanece fiel ao seu ritual congadeiro sem abrir mão das indumentárias ou dos instrumentos tradicionais mesmo estando associados a elementos modernos. Seu canto pode ser alegre ou triste e o ritmo musical alterna momentos lentos e rápidos dependendo da dança a ser executada. Os instrumentos mais importantes são a caixa, o tamborim, o reco-reco, o pandeiro e o acordeon. Cada guarda possui uma cor e roupa peculiar, que no caso do Terno de Congado Congo Branco são o branco (representando a paz e o perdão) e o verde (que traduz a felicidade dos marinheiros ao buscar Santa Efigênia no mar).

Os ensaios acontecem no "quartel" (morada do capitão da guarda ou "general") localizado na Rua Roma, nº 250, Bairro Tibery. No dia da Festa de Nossa Senhora do Rosário, no último domingo e segunda-feira de novembro, o Terno sai do Bairro Tibery e atravessa várias ruas da cidade até se concentrar na Praça Cícero Macedo, em frente à Igreja do Rosário. Na Uberlândia do início do século XX, os negros congadeiros costumavam se reunir à sombra de uma grande árvore localizada na atual Praça Tubal Vilela, onde passavam a realizar a Festa do Congado, seguindo percurso processional desse local à Capela de Nossa Senhora do Rosário.

07. Documentação fotográfica:





Fotos do Terno de Congado Congo Branco nas celebrações de 2005 e 2006.

08. Descrição:

O ritual das festas começa com o levantamento do mastro. Por vezes são dois, um localizado no adro da igreja e outro na casa do festeiro. Depois, de manhãzinha, a escolta conduz a Coroa (reinado) da residência dos reis ao altar. No trajeto, os varsais (de vassalo, figurantes) dançam e cantam, ou fazem embaixadas. De todos os ternos existentes, só os congos e marujos fazem embaixadas.

Cada terno se diferencia do outro pelas cores das roupas, pelos acessórios, pelos ritmos das músicas, pelos instrumentos, pela forma da dança e pela sequência em que se apresentam durante a cerimônia, demonstrando a hierarquia das guardas. Prevalesse o canto antifonal, isto é, um solista, geralmente o primeiro capitão, apresenta o tema e o coro responde. O segundo capitão com seu bastão e apito comanda os soldados na execução instrumental. Cada capitão “puxa” uma série de músicas que podem ser elaboradas por ele ou pelo grupo e ainda outras aprendidas com outros ternos ou com os antepassados. Algumas músicas são tradicionais do terno, passadas de capitão para capitão. Outras são específicas de cada guarda. Existem também cantorias que são consideradas segredo que não podem ser reveladas para “os de fora” e que são aprendidas e “guardadas no coração”, sendo somente executadas em cerimônias reservadas.

Em desfile, o terno de congo vai à frente do moçambique. Sua função é policial, compete-lhe fornecer guarda-coroados, armados de espada, para reis e rainhas. Seus tocadores de maracanãs e caixas fazem performances saltando com os instrumentos, revezando entre se ajoelhar e saltar. Essa coreografia é cheia de significação: quando estão ajoelhados pedem “axé” e quando estão pulando agradecem as graças recebidas. Uma das características diferenciadoras das guardas de congo que vem se extinguindo em Uberlândia é o uso de cuíca e de tamborins (caixinhas quadradas confeccionados em madeira e couro, percutidas com uma vareta), bem como o uso de pandeiros, adufes e instrumentos harmônicos como violões, cavaquinhos, banjos e sanfonas.

O terno de moçambique ou “congo de coroa” é a guarda real, isto é, são eles os responsáveis por conduzir as imagens dos santos, bem como o casal real durante a procissão e no fim dos festejos, além de levantarem o mastro na porta da Igreja dando início ao congado. A coroa além de representar a realeza, também é símbolo de Nossa Senhora e confere a quem a utiliza a autoridade para conduzir os reis e santos.

Aos catopés, cabe a responsabilidade de alegrar o ambiente, oferecer boa música e divertir o povo com loas e cantos irônicos ou chistosos. Na falta do moçambique, de direito, cabe-lhe fazer a escolta do séquito real.

Existem também os cavaleiros de São Jorge que exercem uma função decorativa, apenas visual, de pompa e grandeza. Incorporados ao cortejo na rua, seguem o catopé. Não cantam e não tocam, mas podem fazer embaixadas.

Em sequência vêm a guarda dos marujos que desempenham a histórica função de rememorar a longa e dolorosa travessia marítima da África para o Brasil. As músicas, as roupas e adereços e o trançar de fitas característico dos marinheiros fazem referência ao mar que trás os negros para o Brasil e de onde Nossa Senhora é retirada.

Os caboclinhos, tapuios, caiapós, botocudos, penachos, tupiniquins, ou ainda caboclos, possuem atribuição de arte, fantasia, exibição, sendo a dança do pau-de-fitas o ponto alto e apresentação final.

Já o vilão é formado por um pelotão de guerreiros, por isso que sua responsabilidade maior no conjunto é a de dar segurança. Quando parado, seus figurantes exibem habilidades acrobáticas.

A organização das guardas e a hierarquia dos ternos seguem modelos militares ou políticos. Na maior parte dos ternos, o “regente” é chamado capitão, mas em outros casos pode receber o distintivo de general ou guia. Existem outras funções nas guardas, tais como, presidente, fiscal, conselheiro, secretário, tesoureiro, madrinha do terno, madrinha da bandeira, soldados, bandeireiras etc. que variam de terno para terno, tanto em número como em funções e significações. Antigamente, o cargo de primeiro capitão era designado em alguns ternos pelo nome de marechal e as bandeireiras pelo nome de juizas. O presidente, nesse caso, era conhecido como dono do terno.

Durante o cortejo, o primeiro capitão se desloca o tempo todo se certificando se tudo está correndo bem com

todo o terno, além de também "puxar" as músicas. O segundo capitão geralmente é responsável por reger a bateria, é o maestro. Dois outros capitães ou fiscais protegem as laterais e também se locomovem entre os dançadores. A madrinha do terno geralmente segue a frente, junto à virgem que carrega a bandeira, mas também transita pelo terno auxiliando na medida em que se faz necessário. A madrinha da bandeira auxilia as bandeireiras e também são responsáveis pelas crianças. No Marinheirão, existe a função de capitão das crianças, geralmente as mães, que podem carregar as crianças no colo quando elas se cansam.

Os fiscais auxiliam na condução do terno, na execução das músicas, na organização dos dançadores. São os imediatos do capitão, geralmente também impunham um bastão e trazem um apito. As funções de presidente, tesoureiro e secretários, exigidas para o registro oficial, geralmente são desempenhados pelos próprios capitães, madrinhas e fiscais. Os soldados são os tocadores e dançadores.

As bandeireiras ou andorinhas conduzem os estandartes e suas fitas fazendo coreografias. Antigamente, esta função só era desempenhada pelas garotas virgens. Muitas mulheres relatam que se a menina não fosse virgem e levasse a fita ou o mastro da bandeira, muitos acidentes poderiam acontecer, já que Nossa Senhora do Rosário seria a responsável por denunciar a farsa. Adereços de cabelo poderiam cair, a roupa se rasgar, ou a própria bandeira poderia sofrer danificações como se quebrar ou rasgar. Desmaios e doenças poderiam também dificultar a execução da função. Caberia a menina se afastar quando não fosse mais "digna" de carregar a bandeira do congado. Hoje, no entanto, esta tradição não é mantida pela maioria dos ternos.

Alguns atribuem sentidos místicos à escolha das cores, dos instrumentos, dos acessórios e dos ritmos, outros vêm nesses elementos apenas traços distintivos dos ternos. As roupas e acessórios são usados apenas nos dias de festa. Durante a campanha, cada um se veste a seu modo. Alguns ternos modificam os modelos de suas roupas todo ano, outros mantêm durante algum período. A indumentária que mais se renova é a das bandeireiras. Geralmente as roupas dos soldados possuem elementos identificadores dos ternos e não mudam de um ano para o outro. A indumentária é um dos elementos identificadores dos ternos, por isso a Irmandade do Rosário intervém na escolha das cores e adereços.

Os ternos só recebem a Carta de Comando – ordem para participar dos festejos – se estiverem filiados à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia. Aqueles registrados em cartórios participam do Reinado sem o aval da Irmandade. Um representante da Igreja, geralmente o pároco, participa diretamente das decisões da Irmandade. A Irmandade é o elo de ligação dos ternos com a Igreja Católica e as subvenções governamentais. A Irmandade gerencia a festa, decide data de realização do cortejo, faz e refaz o estatuto da Irmandade e da festa, escolhe horários de realização de missas, procissões etc. A diretoria da Irmandade do Rosário é na verdade um reinado, onde os cargos são hereditários. Cada terno possui o seu "diplomata", geralmente um capitão que fará sua representação nas reuniões com a Irmandade e os órgãos governamentais ou financiadores.

Durante a missa na Festa de Nossa Senhora do Rosário, que é o encerramento das solenidades religiosas, procede-se à cerimônia de entrega de reinado quando são coroados novos reis do ano. Segue-se o almoço, elemento forte de coesão social entre figurantes e membros da comunidade. Baixam-se os mastros oito dias após o término das festas.

09. Grupos Sociais Envolvidos:

Irmandade do Rosário, membros do terno e comunidade do Bairro Tibery.

10. Organizadores:

A organização do terno é feita pelos festeiros e por todos os participantes dos ternos como o comandante e os quatro capitães, o seu rei, sua rainha, sua madrinha, o presidente, o fiscal, o conselheiro, o secretário, o tesoureiro, os soldados, as bandeireiras etc. que variam de terno para terno, tanto em número como em funções e significações.

11. Participantes:

O Terno de Congado Congo Branco possui cerca de 70 integrantes.

12. Local de Realização:

Os ensaios são realizados em seu "quartel" (morada do capitão da guarda ou general) localizado na Rua Roma, nº 250, Bairro Tibery. Contudo, no dia da Festa de Nossa Senhora do Rosário ou do Reinado, o Terno sai do Bairro Tibery e atravessa várias ruas da cidade até se concentrar na Praça Cícero Macedo, em frente à Igreja do Rosário.

13. Data/ periodicidade de ocorrência:

O Reinado Congadeiro acontece anualmente no último domingo e segunda-feira de outubro em homenagem a data da padroeira Nossa Senhora do Rosário. Atualmente, a festa ocorre no segundo domingo e segunda-feira de novembro. Contudo, as comemorações abrangem um ciclo – de agosto a outubro – que como dizem os congadeiros, é o período de "campanha" do Congado que no momento presente se inicia no dia 10 de agosto.

14. Informações Complementares:



Igreja Nossa Senhora do Rosário, em dia de festa, s/d.

Fonte: Cd-Rom *História, Memória e Identidades*.

15. Referências:

- BRASILEIRO, Jeremias. *Congadas: Retratos de Resistência e Fé. As congadas nas regiões de Uberlândia e Alto Paranaíba em Minas Gerais*. Brasília: [s.e.], 2005.
- BRASILEIRO, Jeremias. *Congadas de Minas Gerais*. Brasília: Fundação Palmares, 2001.
- BRASILEIRO, Jeremias. *Projeto Memória do Congado. Ternos de Congado em Uberlândia*. Fita VHS, Uberlândia, 2003.
- BRASILEIRO, Jeremias. *Projeto Encantar. Rei de Contas, Ensino Fundamental*. DVD, Uberlândia, 2003.
- Cd-Rom *História, Memória e Identidades*. Populis: Núcleo de Pesquisa Cultura Popular Imagem em Som, Instituto de História da UFU, 2004/2005.
- MARTINS, Saul. *Congado: Família de Sete Irmãos*. Belo Horizonte: SESC/MG, 1988.
- MARTINS, Saul. *Folclore: Teoria e Método*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.
- MARTINS, Saul. *Folclore em Minas Gerais*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1991.
- MARTINS, Saul. *Panorama Folclórico*. Belo Horizonte: SESC/MG, 2004.

16. Atualização de Informações:

17. Ficha Técnica:

Levantamento:

Equipe Técnica da Prefeitura: Anderson Henrique Ferreira
 Função: Diretor de Memória e Patrimônio Histórico
 Formação: Licenciatura plena em História.
 Equipe da PAGINAR: Cláudia Vilela – Arquiteta/
 Luana Carla Martins Campos – Historiadora
 Fotografias: Cláudia Vilela

Data: 13/02/2007

Elaboração:

Equipe da PAGINAR: Cláudia Vilela – Arquiteta/
 Luana Carla Martins Campos – Historiadora

Data: 27/03/2007

Revisão:

Equipe da PAGINAR: Gisele Pinto de Vasconcelos Costa –
 Arquiteta
 Equipe Técnica da Prefeitura: Anderson Henrique Ferreira
 Função: Diretor de Memória e Patrimônio Histórico
 Formação: Licenciatura plena em História.

Data: 02/04/2007